

**Resenha da publicação do Instituto de Clínica Psicanalítica do Rio de Janeiro: *Andamento - Urgência sem emergência?*  
Rio de Janeiro: Subversos, 2008, 108p.**

*Por Tatiane Grova*

“Nada há de criado que não apareça na urgência, e nada na urgência que não gere sua superação na fala.”<sup>1</sup> Segundo esse postulado do psicanalista Jacques Lacan, a urgência revelaria uma criação e sua solução estaria situada na fala. É na tentativa de sustentá-lo que surge a publicação *Urgência sem emergência?*.

A publicação resulta de um Colóquio de mesmo título, realizado pelo Núcleo de Pesquisa em Psicose e Saúde Mental do Instituto de Clínica Psicanalítica do Rio de Janeiro (ICP-RJ) em maio de 2005. Trata-se, sobretudo, de uma iniciativa de psicanalistas frente à causa da urgência no âmbito da saúde mental. Se a publicação interessa bastante ao campo da psicanálise, ela, no entanto, não se destina somente a ele, mas a clínicos que se deparam com a questão da urgência em sua prática cotidiana.

Na busca pelas coordenadas atuais da urgência, a publicação promove um percurso que, como diz Romildo do Rêgo Barros em sua apresentação, precisa dos olhos de cada leitor para se completar. Das idas e vindas entre a clínica e a atualidade sob o viés da urgência, a leitura se perfaz quando, como nas discussões do Colóquio, há a passagem da urgência para a urgência subjetiva. Ou seja, aquela que conta com a introdução de algo que se deposite para além de um tratamento meramente conceitual do tema.

Desta forma, a frase de Lacan, transposta do texto de Glória Maron e que inicia essa resenha, vai tomando corpo: o objeto da discussão é uma criação que ela mesma propicia, seja no próprio evento, seja em sua leitura. É possível testemunhar e participar de um esforço coletivo de trabalhadores de saúde mental, psicanalistas, psicólogos, psiquiatras, em fomentar uma discussão sobre a urgência cujo mote seja uma aposta

---

<sup>1</sup> LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 242.

de que ali há algo mais interessante e efetivo a fazer do que a tentativa de retorno ao que vigorava até então para determinado paciente, e de que a fala e a presença dos profissionais envolvidos são decisivas.

A urgência como situação que se apresenta e que necessita de resposta imediata. Eis aí a definição *lato sensu* de urgência que permeia toda a discussão do Colóquio: a urgência seria definida pela convocação que comporta.

Em um primeiro momento, a discussão se dedica a circunscrever que espaço poderia abarcar esse tipo de situação. Seria preciso um serviço específico? Isso estaria em oposição à marcha tomada pela reforma psiquiátrica, e Edmar Oliveira aponta, em nota acrescentada posteriormente em seu texto, a drástica queda do número de emergências psiquiátricas quando foi fechada a maior emergência do Rio de Janeiro (inclusive, da América Latina), a do Instituto Municipal Nise da Silveira e os atendimentos passaram a ser realizados por um serviço substitutivo. Se um efeito assim foi obtido a partir dessa mudança, um tratamento à questão da urgência do próprio serviço público pôde, felizmente, ser dado. A questão da urgência, assim, interroga seus próprios dispositivos de recepção.

Para efetivar um tipo de tratamento à urgência que comporte efeitos, a discussão do Colóquio girou em torno da convocação que ela traz à tona. Recorreu-se, então, às mudanças no próprio modo de vivência no tempo. Nessa vertente, há uma referência em que Romildo do Rêgo Barros se pauta para falar da urgência de modo mais universal: François Hartog, um historiador francês, aponta em seu âmbito o que não deixa de desembocar nos hospitais e demais serviços psiquiátricos, e mesmo nos consultórios 'psis'. Nem passado, nem futuro: uma preponderância do presente marcaria nosso tempo, um presente no qual o sujeito padece e que não parece se articular ao que foi e ao que ainda será. As noções de passado e futuro tornam-se, pois, esfumaçadas e deixam de compor um só tempo.

Se na primeira parte do Colóquio tratou-se de partir do nível macro - como vimos, colocando em destaque os dispositivos de recepção da urgência - ao micro, na segunda ela parte do universal para chegar ao singular. Marcus André Vieira demarca esse salto, situando em seus comentários a irrupção da urgência como uma espécie de diluição das coordenadas de tempo e espaço que até então vigoravam para alguém. Conceder consulta e consultório, demonstram os convidados e ouvintes que participaram dos debates, é um passo importante, mas apenas o primeiro. Não basta receber e escutar, é preciso um manejo que ofereça condições para a criação já apontada por Lacan, acima. Para tanto, é desenvolvida a aposta na dimensão do sintoma tido não apenas como expressão de um fenômeno cuja autoria deveria ser buscada. A autoria da urgência, ou sua passagem para uma urgência subjetiva, pode ser pensada como efeito de uma intervenção anterior que ganha alguns nomes ao longo da publicação. Por exemplo, “contrato em ato”<sup>2</sup>, em que uma presença serve como garantia de criação de um tempo em que poderá haver futuro.

A leitura desse Colóquio, tornado escrito e acrescido de um texto sobre a constituição de um dispositivo psicanalítico de recepção de situações de urgência, nos aponta um trabalho a fazer nesse âmbito que não deixa de convocar cada um de nós a apostar em pequenos ditos que podem ter grandes repercussões.

---

<sup>2</sup> VIEIRA. Em: Instituto de Clínica Psicanalítica do Rio de Janeiro. *Andamento - Urgência sem emergência?* Rio de Janeiro: Subversos, 2008, p. 40.